

As Tensões e Proximidades das Rodas Culturais do Slam de Quinta, Esquina do Rap e a Roda de Rima da Bandeira em Paraty¹

Michelle EZAQUIEL²
Taíza MORAES³
Cíntia SANMARTIN FERNANDES⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Compreendendo que Paraty é uma cidade de fluxo migratório intenso estimulado especialmente pelos seus grandes festivais musicais internacionais e de outras regiões do país, o presente artigo tem por objetivo investigar a cena cultural dissidente e insurgente da cidade. A partir da pesquisa de campo realizada ao longo de 2018 evidencia-se que existe um vácuo na relação dos músicos locais e movimentos artísticos independentes com a agenda turística dos grandes festivais. Desse modo, busca-se a partir de observações de campo, conversas informais e entrevistas semiestruturadas (realizadas com produtores e artistas) entender como o movimento cultural de rua de Paraty incorpora-se na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Socialidade; Cidade; Música.

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania no Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, e-mail: michelleezaquiel.fcs@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, e-mail: taizamc94@gmail.com

⁴ 3 Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS-UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Email: cintia@lagoadaconceicao.com

1. Introdução

Paraty se tornou conhecida pelos grandes festivais de música e uma agenda anual turística voltada para o público externo da cidade. Essa característica tem modificado constantemente as interações e dinâmicas que acontecem no espaço, ecoando sobre as cenas culturais locais independentes. Mas o que de fato acontece fora do período dos grandes festivais?

Nos atentamos neste artigo, em falar de três cenas culturais produzidas por pessoas locais de Paraty. Sob olhar de suas tensões e similaridades, buscamos entender de que maneira o paratiense que produz essas cenas ocupa os espaços públicos da cidade, se reconhece em meio a uma agenda turística excludente e produz novos sentidos e territorialidades. Pensamos que é possível através desses movimentos que a socialidade da cidade reinventada, a partir das novas possibilidades que esses movimentos oferecem.

Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que nosso relacionamento com ela é restabelecido. O que faz com que a cidade se anime com nossas recordações. E que ela seja também agida por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua...

CANEVACCI, 1997, p.22

Existem movimentos na cidade, periódicos, que não são contemplados por produtores desses grandes eventos como Bourbon Festival e MIMO. Os privilegiados que participam da programação são artistas de outros estados e internacionais, mas o que é feito em Paraty, não só não entra nessa agenda cultural, como passam por uma série de restrições para acontecer nas praças, ruas e outros locais que são ocupados como forma de existência e resistência.

O Slam de Quinta, a Esquina do Rap e a Roda de Rima da Bandeira são movimentos artísticos independentes de Paraty. O primeiro surge em 2017 quando Natalia e Brisa tiveram a ideia de criar um espaço para se proclamar poesias, que não existia na cidade. Já a Esquina do Rap, nasceu em 2014, com a iniciativa de Daniel que se juntou com outros meninos que fazem Rap para criar rodas de rima em Paraty, e dentro da rede criada, produzir as músicas

para serem lançadas em plataformas digitais. Por fim, falaremos da Roda de Rima da Bandeira, movimento que surgiu em 2017 no momento em que a Esquina do Rap tinha pausado suas atividades, fato que inicialmente gerou conflitos entre os movimentos por terem objetivos parecidos.

É nesse contexto que investigar o Slam de Quinta, a Esquina do Rap e a Roda de Rima podem contribuir para entender de que maneira esses grupos, de maioria jovem, conseguem se expressar e como interagem entre si nos espaços da cidade. Deste modo, este trabalho pode auxiliar na construção de políticas públicas ao apresentar o cenário de cenas culturais, potências criativas locais de Paraty, ainda que nos limitemos a falar de três grupos em específico.

Tal trabalho tem como inspiração antropológica, a etnografia como metodologia para a investigação pois buscou-se entender de que maneira os movimentos culturais fora da agenda oficial de Paraty aconteciam. A partir de observação participante e entrevistas semi-estruturadas foi possível analisar o movimento na cidade e as interações interpessoais que acontecem nesses três grupos.

2. Socialidade e resistência

É importante pensar nos movimentos do Slam de Quinta, da Esquina do Rap e da Roda de Rima da Bandeira como potencializadores da socialidade de Paraty. A vontade por ocupar as ruas do Centro histórico da cidade torna a rua um espaço de resistência e reinvenção. Novos sentidos são criados quando esses movimentos culturais e musicais modificam o que é sistematicamente entendido como rua, um local transitório. Por outro lado, podemos entender que na rua a cultura da cidade se ressignifica a partir dos usos do espaço da cidade. “A cultura que circula e é produzida nas ruas conta com os “agentes comunicacionais” transmitindo novos valores sociais para compartilhar o espaço da cidade” (MAIA, João, 2004, p. 125)

Ocupar determinados espaços da cidade de Paraty é uma forma dos movimentos se posicionarem enquanto artistas urbanos que não se vêem apoiados pela gestão pública. É possível perceber que há diferentes perspectivas de uso dos espaços em Paraty, para os movimentos utilizarem as ruas do Centro histórico existe uma resistência pela prefeitura e

pelo IPHAN, enquanto espaços mais afastados do centro têm maior flexibilidade para utilização.

A gente começou a fazer (a Esquina do Rap) dentro do Centro histórico, né. Aí a polícia começou a não deixar, não vou nem dizer a reprimir, foi a não deixar a gente fazer, e ele falou "cara, pra essa quantidade de equipamentos, vocês não podem botar assim do nada, vocês têm que ter uma licença para provar que você tá fazendo uma coisa aqui, que não estão fazendo só uma bagunça". Só que a gente começa a perceber que não é bem assim, que isso é só um discurso, quando a gente pega uma caixinha de mão para fazer - a gente nem consegue ouvir direito a música, tem que passar de um pro outro enquanto vai rimando - e a gente vê que a polícia vem do mesmo jeito.⁵

Então, a gente tem um projeto social na rua, que é a Roda de Rima da Bandeira, que tinha toda quinta-feira, e agora a gente mudou pra duas quintas-feiras por mês, quinzenal. E nos últimos tempos a gente teve dificuldade porque aconteceu de duas vezes seguidas vim polícia lá, parar a gente, tipo tratar mal.⁶

Visto isso tudo, a gente tá bem né, a gente tá quase recebendo um carinho nas costas (risos). Mas é porque a gente não fica dentro do Centro histórico, mas começou a incomodar quando foi para a rodoviária porque até então a gente não tinha ido para lá. E tá enchendo bastante, a galera tá parando e a gente tá no meio da rodoviária com microfone.⁷

Esses movimentos constroem a cidade como rede de trocas de experiências sensíveis, ao se colocarem como uma opção cultural de forma alternativa a população de Paraty. As organizadoras do Slam de Quinta comentam que a ideia principal de formação do Slam é a resistência cultural, e para isso precisam ocupar espaços para que suas vozes sejam ouvidas. Entender a cidade como forma de potencializar a vivência em sociedade é parte dos discursos dos três movimentos que estão sendo apresentados nesse artigo. A resistência ao poder institucional se mostra uma forma de matriz dos movimentos de rua.

Brisa e Natalia que organizam o Slam de Quinta dizem que a ideia de fazer os slams na parte superior da rodoviária é a facilidade de acesso ao local. Assim elas percebem que

⁵ Entrevista com Matheus, um dos organizadores da Esquina do Rap, realizada no dia 25 de março de 2018

⁶ Entrevista com Lucas Salvati, um dos organizadores da Roda de Rima da Bandeira, realizada no dia 27 de março de 2018

⁷ Entrevista com Brisa de Souza, uma das organizadoras do Slam de Quinta, realizada no dia 25 de março de 2018

possibilitar às pessoas da cidade momentos em que elas possam expor suas poesias falando dos problemas que as atingem é uma forma de resistência, potencializada por estar em local de grande fluxo de pessoas. O mesmo está presente nas falas dos organizadores da Esquina do Rap e da Roda de Rima da Bandeira, a ideia dos movimentos é ganhar as ruas de maior fluxo de pessoas para reverberar o que defendem em suas músicas e poesias.

Ao circular pelo espaço urbano o sujeito constitui-se e apropria-se do espaço, encontra brechas que possibilitam expressar-se, para tanto, o livre acesso é fundamental e a mobilidade torna-se um direito do cidadão.

FERNANDES, Arion; PETERMANN, Juliana, 2017, p.7

Dessa forma podemos analisar que lutar por ocupar os espaços de maior movimento de Paraty é um ato de resistência que busca por meio de brechas se fazer ouvir, pois se propõe a falar de assuntos pertinentes a sociedade de uma forma que atinge diversas pessoas. A resistência em relação a negativa da gestão pública em apoiar a cena independente, do Rap, da Roda de Rima e do Slam atuam de formas diferentes na cidade.

O Slam consegue atuar na cidade com as apresentações na rodoviária, que causam um embate menor com a prefeitura de Paraty, mas percebem que quando o movimento começa a ganhar força e visibilidade essa relação torna-se mais tensa. Enquanto, a Roda de Rima da Bandeira e a Esquina do Rap sofrem constantes intervenções policiais por estarem atuando no Centro histórico, localidade em que o poder público local não incentiva movimentos musicais pelas ruas.

Nesse ponto podemos observar que a busca por espaços de Paraty é uma forma de se comunicar com a população local. É importante pensar que através desses movimentos a cidade constrói seus vínculos sociais, potencializando os espaços como lugar de experiências criativas; que em meio as tensões sistêmicas, que sempre ocorrerão nas urbes, busca formas de expressar a criatividade que emana das ruas de Paraty.

Não se trata de um qualquer estado de alma, intenção piedosa, ou de mais uma proposição sem consistência. Trata-se de uma necessidade que corresponde ao espírito do tempo. Como tal poderíamos resumi-la assim: é a partir do “local”, do território, da proxemia, que se determina a vida de

nossas sociedades. E todas essas coisas referem, também, a um saber local, e não mais uma verdade projetiva e universal.

MAFFESOLI, Michel, 1998, p. 81

A palavra resistência é empregada tanto na realidade do Slam de Quinta, quanto na Esquina do Rap e na Roda de Rima da Bandeira. Isso porque fazer algum tipo de evento em lugares públicos em Paraty é um movimento que requer ocupação no sentido dissidente da palavra, devido às leis existentes na cidade que buscam ordenar o centro histórico para preservá-lo. O programa que decretou uma série de leis que visam o controle das atividades foi iniciado em 2017, “Paraty, Quem ama, cuida.” decretou dentre os artigos, que todas as manifestações artísticas que visam lucro devem requerer autorização. Além deste artigo, existe outro que visa fiscalizar a poluição sonora e não permite qualquer som emitido depois das 22 horas e que, e nem depois das apresentações dos grandes festivais da agenda oficial.

Dentro desse panorama da cidade, já se poderia observar os percalços que movimentos espontâneos sofrem nos territórios próximos ao centro histórico de Paraty. O crescimento da cidade como polo turístico e as leis de proteção ao patrimônio, excluíram os cidadãos locais da identificação com o próprio ambiente.

Entende-se a cidade pelas práticas diárias e os usos que pessoas fazem dela, individual e coletivamente. São, portanto, os cidadãos que configuram e reprogramam os espaços na forma que acreditam ser o mais adequado aos seus fluxos urbanos. Porém, nem sempre o espaço urbano está em sintonia com os cidadãos. A forma como o poder público e as instituições privadas constroem e modelam a cidade pode gerar afastamento, essa pode tornar-se até mesmo hostil aos indivíduos, negando-lhes os espaços públicos.

FERNANDES, Arion; PETERMANN, Juliana, 2017, p.4

Dessa maneira, tanto o Slam de Quinta que acontece na Rodoviária de Paraty, quanto a Esquina do Rap e a Roda de Rima que acontecem na Praça criam significados novos para aqueles espaços, a partir das interações entre os grupos, criando sentidos que, de alguma forma, se formam envolvidos por uma alteridade do significado de cultura pelo poder público. Aquele que detém o poder na cidade, acaba por determinar o que é cultura e o que não é, quando a agenda oficial de eventos de Paraty não contemplam essas rodas culturais, assim como na base das leis do município em relação a esses movimentos

artísticos independentes, as constantes repressões dos policiais e o não incentivo para o desenvolvimento dessas atividades.

3. Diferentes Tribos

A potência dos grupos não sucumbe frente a todo o cenário sócio-político da cidade. Pelo contrário, esses jovens ocupam, resistem, interagem em si, muitas vezes entendendo sua relação no sentido de rede, outras, entendendo as diferenças internas, se distanciando de certa maneira.

Eu particularmente acho legal, eu vou, não participo, mas vou. Frequento, vejo, acho muito da hora, elogio, sempre tô curtindo muito no Facebook e tal, mas eu particularmente não participo. Eu acredito que o rap é um pouco maior que isso, sabe? Eu acredito que todos concordam com essas pautas, de todo esse lance contra o racismo, contra feminicídio, homofobia, esse tipo de coisa. Óbvio que é meio que falta de inteligência não concordar com isso, mas o nosso negócio é fazer música de quem é da periferia pra quem é da periferia.⁸

Na verdade, até mês passado, a gente tinha uma parceria com a roda de rima, que é um dos grupos que faz freestyle aqui na praça da bandeira, quinzenalmente, também às quintas. E aí quando eles começaram eles falaram "Oh, a gente vai fazer toda quinta-feira", aí eu peguei e cheguei em um dos organizadores e falei "Cara, quinta-feira é o slam, você não pode fazer na quinta, inventa outro dia. Aí ele "ah não, então vocês fecham com a gente porque a gente vai fazer na quinta". Aí eu falei "Então demorô, então vocês fecham com a gente, vocês abrem o slam, tudo bem?"⁹

As interações entre as três rodas entram em conflitos por questões temáticas e de organização. O Slam de Quinta passou a se unir toda última quinta-feira do mês com a Roda de Rima da Bandeira em um evento só, para que não criasse uma divisão entre os públicos. Apesar de terem as mesmas demandas para existir, colocar os eventos na rua, as tensões criadas pelas as diferenças de pautas nas rimas levam os indivíduos pertencentes às rodas a se afastarem quando conveniente, como uma forma de encontrar pertencimento na similaridade e identificação na diferença do outro.

⁸ Entrevista com Matheus, um dos organizadores da Esquina do Rap, realizada no dia 25 de março de 2018

⁹ Entrevista com Brisa de Souza, uma das organizadoras do Slam de Quinta, realizada no dia 25 de março de 2018

[...]a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação [...]

Ainda que seja apenas uma metáfora, podemos resumir estas três noções falando de uma "multidão de aldeias" que se entrecruzam, se opõem, se entrelaçam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas.

MAFFESOLI, Michel, 1998, p. 194

Ainda que tenham suas diferenças por terem temáticas distintas, as múltiplas rodas culturais de Paraty criam uma rede, em que trocam saberes e protegem-se. É possível perceber que os integrantes desses movimentos fazem questão de marcar as diferenças entre os grupos, contudo em determinados momentos eles percebem a necessidade de se relacionar, seja como forma de resistência às forças policiais, seja pela possibilidade de entender o que é debatido e apresentado pela tribo oposta.

Ainda que possamos demarcar facilmente as demandas e o “espírito” desses diferentes grupos, devemos entender que são essas diferenças e tensões que possibilitam o desenho das trocas dissidentes nas urbes, e não seria diferente em Paraty. Percebemos que são a partir das interações sociais dessas tribos que ambos os movimentos se fortalecem e oferecem à população de Paraty a possibilidade de transitar, integrar e interagir entre os movimentos, o que pode ser entendido como forma de afetos e ensinamentos.

Afetos e ensinamentos que se materializam nos espaços da cidade germinando “territorialidades sônico-musicais” múltiplas (HERSCHMANN, M; FERNANDES, C., 2014) através de novas interações que surgem durante as rodas. Por meio da música e da poesia falada empregadas pelas rodas de rima percebemos que os espaços da cidade são reinventados e ressignificados promovendo novas formas de socialidade.

A ideia, na verdade inicial, era fazer em cima da rodoviária porque foi uma obra que foi gasto um dinheiro muito, muito, muito alto e que ela não representa nenhum dos paratienses, porque ninguém gosta da rodoviária. E o segundo andar é um puta de um lugar, tem jardim, tem os quiosques

fechados, e eles não deixam ninguém entrar. Então a gente falou "a gente vai ocupar".¹⁰

Novas territorialidades são criadas quando a geografia dos espaços são modificadas pelas intencionalidades dos corpos em experiências coletivas de movimento na cidade. As ocupações sônico-musicais citadas nas entrevistas são formas de potencializar os espaços públicos da cidade e esquivar se das políticas públicas excludentes.

4. Considerações Finais

Sem limitarmos a representar a cena cultural independente de Paraty às três rodas de rima que entrevistamos, na discussão proposta buscamos expor de que maneira a socialidade em Paraty se transforma em anseios coletivos de existência e resistência.

Partimos da observação participante e de entrevistas semiestruturadas para analisar a cidade fora dos grandes festivais e da agenda oficial turística. Nesse momento observou-se um cenário que exclui artistas locais do circuito turístico e a existência de movimentos artísticos, que em contrapartida trazem opções alternativas pros moradores de Paraty.

Entendemos também e buscamos apresentar as dificuldades desses grupos em se expressarem nos espaços públicos de Paraty. Das similaridades e tensões observadas no Slam de Quinta, Esquina do Rap e Roda de Rima da Bandeira, foi possível perceber que as chamadas "tribos" de Maffesoli (1998) se aproximam e se afastam em uma tentativa de encorpar uma resistência e firmar identificações.

A partir desse cenário, a discussão de cidade, portanto, girou em torno da ideia de cidadania ser também uma prática de ocupar os espaços públicos, de se sentir pertencente, através de interações sensíveis. Nesse processo, identificou-se a interação dos corpos entre si e nos espaços da cidade, possibilitando a ressignificação dos territórios, produzindo novos sentidos e possibilidades dentro da cidade de Paraty.

¹⁰ Entrevista com Brisa de Souza, uma das organizadoras do Slam de Quinta, realizada no dia 25 de março de 2018

5. Referências Bibliográficas

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: um ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

HERSCHMANN, M. ; FERNANDES, C. S. . Música nas ruas do Rio de Janeiro. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2014. v. 1. 272p.

MAFFESOLI, Michel, O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa: 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

Os agentes comunicacionais da Mangueira: fluxos e movimentos sociais. In: Maia, João; Cogo, Denise. (Org.). Comunicação para a cidadania. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006, v. , p. 115-126.

FERNANDES, A.; PETERMANN, J. . Cidade Mídia: uma reflexão sobre a cidade como meio de comunicação. In: Intercom, 2017, Curitiba. Anais Intercom 2017, 2017.